

REVOLUÇÃO NA TERRA VERMELHA

» CONCEIÇÃO FREITAS

Aterra se movia com crescente nervosismo e contínuas mutações. A paisagem da noite anterior não era a mesma do dia seguinte. O caminho de volta para casa podia não ser o mesmo da ida, tal a rapidez com que o ambiente sofria alterações, como se as eras de transformação da Terra tivessem se concentrado num só lugar e num só tempo. Visto de longe, o intenso movimento de terra sugeria um vulcão expelindo lavas de poeira. Só na Praça dos Três Poderes, o aterramento do terreno moveu 700 mil m³ de terra, o que corresponde a 140 mil viagens de caminhão. Como se o Brasil estivesse convulsionado em revolução, jornais e revistas de Nova York, Beirute, Buenos Aires, Bonn, Oslo, Hamburgo, Bruxelas e Paris publicavam reportagens e artigos sobre "uma das maiores obras não só do século 20, senão de todos os tempos", escreveu o argentino *La Nación*.

O açoamento de Juscelino — construir, inaugurar e transferir a nova capital no seu governo — tinha um pé na sensatez: ou ele começava e terminava o que havia se proposto, ou dificilmente seria feita a mudança da capital. Como declarou o editor José Olympio, dono da editora homônima: "Ou vai ou racha" (Veja **Integra na página ao lado**). Um ano depois de visitar pela primeira vez o sítio da cidade, Juscelino sancionava a Lei nº 3.273, que fixou em 21 de abril de 1960 a data da transferência da capital do Brasil.

Em um ano, Oscar Niemeyer já havia projetado: o Catetinho, o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, a Igrejinha de Fátima, o Congresso Nacional, as habitações da Fundação da Casa Popular, o modelo-padrão dos blocos das superquadras, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal e a Escola Júlia Kubitschek (que até então não tinha esse nome). Mas ainda não havia se mudado para Brasília, o que só aconteceria em meados de 1958. Os primeiros projetos de Niemeyer para Brasília foram feitos no escritório da Novacap no Rio de Janeiro.

Para responder às denúncias de que não havia material de construção para as obras, a Novacap informava, a 10 de agosto de 1957, que o básico estava sendo obtido nas proximidades de Brasília. A areia ou era retirada ou da lavagem do cascalho que existia em larga escala na região ou sugada com dragas e escavadeiras em bolsões do Córrego Bananal. Assegurava, também, que uma olaria já estava em funcionamento para a fabricação de tijolos maciços e de tijolos furados. "Para fabricar os tijolos, relatava a revista *Brasília*, é utilizada argila de grande plasticidade".

Não foi assim tão fácil quanto a Novacap propagava. O engenheiro Cláudio Oscar de Carvalho Sant'Anna (1925-2009), um dos donos da Kosmos Engenharia, chegou a Brasília em agosto de 1957 com a disposição de participar da construção das superquadras. "Verificamos que a cidade não tinha absolutamente recurso nenhum. Não havia uma olaria, não havia pedra britada, não havia areia, não havia tijolo, não havia absolutamente nada", ele contou ao Arquivo Público do Distrito Federal. Dois meses depois, a revista *Brasília* publicava a foto de uma olaria da Novacap em atividade — fileiras de tijolos secando ao sol. As construtoras se viravam como podiam. "A Kosmos, por exemplo, teve que comprar máquinas para fazer os blocos e fazia então um pedrisco e, com cimento e areia, fazia o bloco de cimento. Durante a fase inicial, nossas construções foram feitas com bloco de cimento", contou Cláudio Sant'Anna, em longo e detalhado depoimento.

Pré-história

Naqueles primeiros meses de efetivo começo das obras, havia carência de pedra britada. "No Rio de Janeiro, onde eu tinha a minha experiência de trabalho, a pedra britada é de altíssima qualidade, porque é produzida à base de granito. Toda a serra do Rio é constituída de granito e gnaisse (rocha formada há 600 milhões de anos, resultante da colisão das placas tectônicas). O gnaisse é um produto fácil de ser quebrado, a pedra é fácil de ser britada, e tem uma resistência muito boa." Em

Brasília, era diferente. Não havia nenhuma jazida de granito ou de gnaisse. "Existiam os afloramentos de quartzo, duríssimo, e calcário daquelas fábricas de cimento em Sobradinho."

Para as primeiras concretagens dos blocos das superquadras, a Kosmos usou um recurso pré-histórico: empreitava operários para quebrar a pedra à mão, (a chamada pedra marroada), e comprava o material em caixotes de 1m³. "Parecia o tempo da construção das pirâmides do Egito", compara o engenheiro. As pedras chegavam em blocos graúdos e era preciso, então, picotá-las. Sant'Anna instalou uma britadeira no canteiro de obras. "Mas o quartzo era tão duro que as mandíbulas do britador se desgastavam em 24 horas. À noite, quando ele trabalhava, a gente via aquelas fagulhas saindo da pedra dura, pareciam fogos de artifício."

Achou-se, então, uma saída inusual na construção civil brasileira, ainda segundo Cláudio Sant'Anna: usar o cascalho tirado dos rios. As dragas sugavam a areia do leito das águas, e em seguida ela era peneirada. A parte fina era usada como areia e o seixo rolado era utilizado na fabricação do concreto. Para conseguir a própria areia, os operários da Kosmos Engenharia desceram o Rio Corumbá, numa jangada feita com tambores vazios de óleo diesel, até localizar pontos de razoável profundidade onde uma draga pudesse ser montada. "Era um esforço muito grande", relata Sant'Anna.

Oscar Niemeyer acabara de visitar Itália e França. Estava sob o efeito que tinham lhe causado a Praça de São Marcos e o Palácio dos Doges, ambos em Veneza, e a Catedral de Chartres, em Chartres, "obras que causam um impacto indescritível pela beleza e audácia com que foram realizadas, sem contribuírem para a emoção razões técnicas ou funcionais", escreveu o arquiteto em *Minha experiência em Brasília*. "É a beleza plástica apenas que atua e domina, como uma mensagem permanente de graça e poesia", revelou Niemeyer, deixando muito claro a seus críticos que sua intenção primordial, ao projetar as obras de Brasília, era a beleza, não a funcionalidade.

EM OUTUBRO DE 1957 HAVIA NA CIDADE LIVRE:

- » 13 hotéis
- » 5 agências bancárias
- » 4 agências de companhia de aviação
- » 4 farmácias
- » Igrejas de 4 religiões
- » 2 churrascarias
- » 2 serrarias
- » 2 bombas de gasolina
- » Vários restaurantes
- » Muitos açougues
- » Padarias
- » Armazéns
- » Serrarias
- » Alfaiatarias
- » Casas de automóveis
- » Casas de peças de automóveis
- » Oficinas mecânicas
- » Carpintarias
- » Fábrica de móveis
- » Um mercado
- » Estação Rodoviária
- » Consultório médico
- » Ao todo, 340 estabelecimentos comerciais

LEITURAS

- » *A epopeia da construção de Brasília*, Adirson Vasconcelos, Edição do Autor, 1989
- » *A igrejinha de Oscar Niemeyer*, Francisco Lauande, www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.125/3088
- » *Diário de Brasília, 1957/1958*, Presidência da República
- » *Guiaarquitetura Brasília*, Sylvia Ficher e Geraldo Sá Nogueira Batista, Empresa das Artes
- » *Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília*, Andrea da Costa Brata e Fernando A.R. Falcão
- » *Igrejinha, cinquenta anos*, Edite Antônio de M. Leal, www.igrejinhadefatima.org
- » *Mil dias para uma cidade*, Brasília, José Adirson de Vasconcelos, Edição do Autor, 1963
- » *Minha experiência em Brasília*, Oscar Niemeyer, Editorial Vitoria
- » *Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal*
- » *Revista Brasília*, números 8, 9 e 10, Novacap

AGRADECIMENTOS

- » Arquivo Público do Distrito Federal
- » D.A. Press

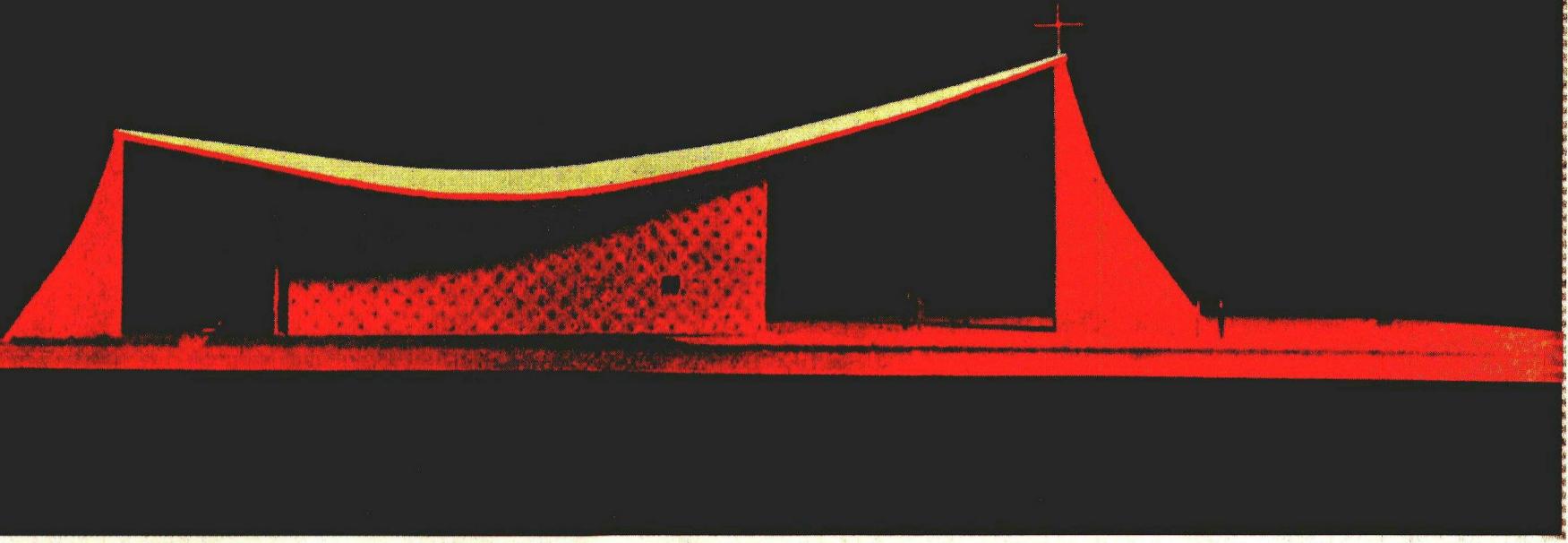
www.correobraziliense.com.br



Acompanhe no hotsite mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.



A fundação do Congresso Nacional começou a ser feita no fim de outubro de 1957. A foto é de 1958, quando já havia até uma coluna do Palácio do Planalto fincada no chão



ESTOJO DE JOIAS

Nascida do cruzamento da fé cristã com a ousadia da arquitetura moderna, a Igrejinha de Fátima é um dos monumentos mais estimados de Brasília. Do projeto inicial de construir um templo religioso na unidade de vizinhança com capacidade para 800 fiéis, a Igrejinha se transformou num estojo que junta joias da arquitetura, do paisagismo, da arte e da religião. O projeto arquitetônico é de Oscar Niemeyer, o de paisagismo, de Burle Marx, as portas e os azulejos do revestimento externo são de Athos Bulcão, e os afrescos internos eram de Alfredo Volpi. Hoje são de Galeno.

Três pilares de forma triangular sustentam os três vértices da laje abrindo um avarandado em toda a borda do edifício. Um outro triângulo, colado ao chão, forma o adro (elemento arquitetônico que define a área externa dos templos religiosos). O triângulo da laje aponta para o triângulo do adro e os dois se sobreponem a certa altura (Veja na foto ao lado). Uma escadaria faz a ponte entre o tempo e a calçada que margeia a entreequadra.

A obra lembra outra igrejinha célebre da arquitetura moderna, a capela de Ronchamps, na França, projetada por Le Corbusier em 1950. A de Niemeyer ganha em leveza, como se tivesse sido adaptada para os calores e secas do Planalto Central. Quando começou a florescer no cerrado, a Igrejinha não estava sozinha. O Instituto de Assistência e Previdência dos Bancários (IAPC) começava a erguer o primeiro bloco da 108 Sul.

A Igrejinha foi rapidamente esboçada e construída a pedido de dona Sarah Kubitschek para pagamento de promessa feita a Nossa Senhora de Fátima. Costuma-se dizer que foi construída em 100 dias, mas, do lançamento da pedra fundamental à inauguração, passaram-se 216 dias.

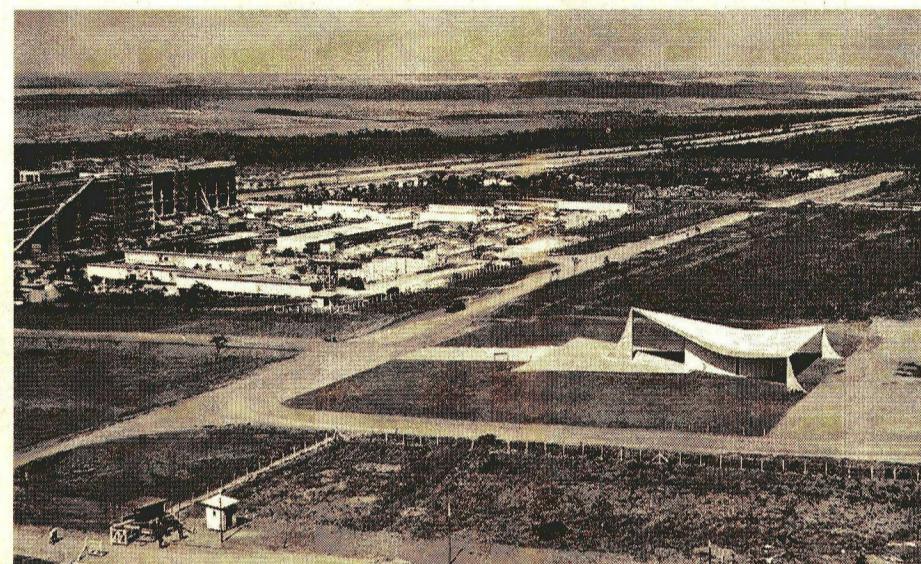
DEPOIMENTOS (PUBLICADOS NA REVISTA BRASÍLIA Nº 8)

» "Acredito cem por cento na realidade de Brasília, porque era e é uma velha aspiração brasileira, reafirmada agora em termos de realidade. E creio, mesmo, que estão errados muitos dos meus amigos, que acham estar o governo fazendo a coisa com excessivo açodamento. Estou, neste particular, com o presidente Juscelino: a questão de Brasília foi colocada no seu programa no sentido de 'ou vai ou racha'. Aliás, creio que nenhum presidente brasileiro seria capaz de levar por diante esse plano segundo um esquema a longo prazo. E aconselho os descendentes a lerem o livro Planalto Central do Brasil, do cientista Luis Cruls."

José Olympio, editor da editora de mesmo nome

» "Sem ter a pretensão de que a minha opinião possa influir no espírito daqueles que já conhecem a região, direi aos que lá não estiveram: com orgulho posso dizer que conheço o nosso Brasil, pois já pisei em todos os seus Estados e muitos foram por mim percorridos e apreciados, podendo, portanto, afirmar que a região de Brasília é belíssima; clima seco e saudável; temperatura fresca, principalmente à noite; a topografia do terreno é suficientemente acidentada, para não ser monótona, e plana o bastante, para que não apareçam grandes ladeiras ou desmontes dispendiosos e feios; há pequenos vales que apesar do tempo de estiagem, que ainda perdura por lá, são verdes; as partes mais altas, cobertas por vegetação rasteira, mostrando flores de variadas cores e árvores de pequeno porte, que atingem cinco metros de altura, com seus galhos retorcidos, desprovidos de folhas, como é a flora dos planaltos; em outros vales, as árvores são mais frondosas e formam um conjunto mais compacto; as duas enormes asas da grande águia que será a figura esquemática da futura cidade, situam-se em duas encostas quase simétricas, levemente inclinadas e caídas para a monumental Praça dos Três Poderes (na verdade, as asas inclinam na direção contrária à praça). Sou um enamorado da natureza e, por isso talvez suspeito para julgá-la; acho, entretanto, que, naquele lugar, poderá surgir uma grande e bela cidade!"

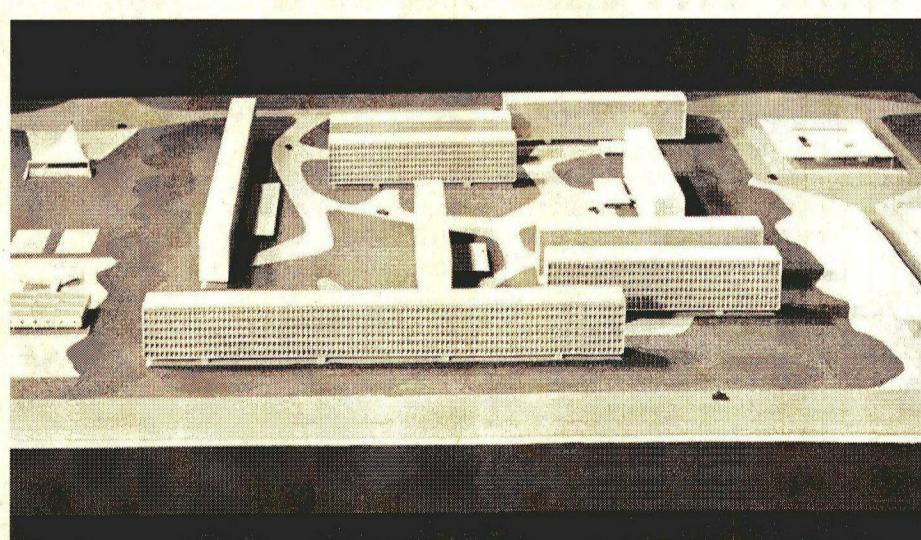
Trecho do relato do engenheiro Haroldo Graça Couto, à época presidente do Sindicato da Construção Civil do Estado do Rio de Janeiro, depois de visita a Brasília, no segundo semestre de 1957.



Quando a Igrejinha começou a ser construída, o IAPC estava erguendo a primeira SQS



O Brasília Palace Hotel e o Palácio da Alvorada foram surgindo ao mesmo tempo



Em outubro de 1957, Niemeyer já havia feito a maquete das superquadras de Lucio Costa



As primeiras 500 casas da W3 Sul ficaram prontas antes dos blocos das superquadras

1957

AGOSTO

5 — O Instituto Nacional de Imigração e Colonização informa que a procedência dos trabalhadores que chegaram a Brasília é de 60% de Goiás, 13% de Minas, 11% de SP, 10% do Norte e Nordeste e 5% do Sul.

6 — O presidente do Ipase (Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado do Rio de Janeiro) informa que já tem três quadras em Brasília, nos quais vai construir mil apartamentos em obras que devem começar ainda em agosto.

7 — O primeiro grupo de famílias japonesas já está em Brasília. Já começaram o preparo da terra e das sementes. São especializados em horticultura e no preparo de pomares.

17 — Distribuídas as obras das superquadras 104, 105, 106, 107, 108, 206, 208, 304, 305, 306 e 307 entre os institutos de pensão: o Iapi vai erguer 500 apartamentos; o IAPB, 300; o IAPC, 108 apartamentos e 180 casas; e o Ipase, 1.000 apartamentos.

30 — Inaugurada a linha aérea Rio-Belo Horizonte-Brasília do Consórcio Real-Aerovias.

31 — JK percorre, em pequeno avião da Novacap, 130 km em construção da rodovia Brasília-Anápolis.

SETEMBRO

2 — A Novacap aprova normas para arrendamento de áreas na zona rural de Brasília, em lotes de 5 a 50 hectares, para agricultura, e de até 100 hectares para criação de animais. Cada lote será entregue a uma família em arrendamento por até 30 anos.

3 — JK autoriza Novacap a realizar concorrência administrativa para a execução de serviços de terraplenagem e obras de arte no trecho ferroviário Brasília-Foz do Rio Saia Velha, comum às linhas Brasília-Pirapora e Brasília-Colômbia.

7 — Inauguração da linha aérea do Loide Aéreo com um DC-4.

13 — O Iapi já começou a construir o primeiro edifício dos 22 que pretende construir.

17 — Criada a Companhia de Guardas de Brasília/GEB

19 — Chegam a Brasília dez operários especializados em mecânica, motores Diesel, hidráulica e construções, selecionados na Europa pelo Comitê de Migrações Europeias.

20 — O Brasil recebe empréstimo de US\$ 10 milhões do Banco de Exportação e Importações dos Estados Unidos para financiamento da compra de estruturas de aço para os edifícios de Brasília.

27 — Inaugurada a sucursal da CEF. No mesmo dia, são abertas 297 contas.

OUTUBRO

1 — JK sanciona, no Palácio do Catete, a lei que fixa em 21 de abril de 1960 a data para a mudança da capital federal.

18 — O ministro da Educação, Clovis Salgado, inaugura a primeira escola de Brasília. Desenhado por Oscar Niemeyer, foi construído em apenas 20 dias e possui cinco salas, cozinha, refeitório, instalações sanitárias e um parque de recreação. Trezentos alunos ocupam cinco classes.

26 — Lançada a pedra fundamental da Igrejinha. Será a segunda obra de alvenaria a ser concluída. A primeira foi a Ermida Dom Bosco.

» LEIA EM 10 DE SETEMBRO DE 2011 — Juscelino sobrevoa o traçado da rodovia Belém-Brasília, comece a funcionar o forno de tijolos de cerâmica, iniciam-se estudos para a construção da rodovia Belo Horizonte-Brasília, a Caixa Econômica Federal compra o primeiro lote em Brasília, o Zoológico recebe as primeiras doações de animais, comemoram-se em Brasília os 50 anos de Oscar Niemeyer, comece a pavimentação do Eixo Monumental.